

O COMÉRCIO DO LIVRO EM TEMPOS DE CENSURA POMBALINA — MARCAS E TRAJETOS

OLÍMPIA LOUREIRO*

Resumo: *A leitura, sendo, hoje como ontem, um vetor importantíssimo do crescimento da espécie, experimentou em Portugal, no período josefino, com a Real Mesa Censória, desafios apenas ultrapassados pelo proselitismo dos seus agentes de comércio. Livreiros distintos e diversificados, estrategas e empreendedores, corajosos e destemidos, estabeleceram com fornecedores de países, à época, mais livres formas e rotas de fuga ao cerco da censura pombalina. A sua marca ficou latente na revolução que mudaria o programa político de várias nações nos séculos XVIII e XIX, Portugal incluído.*

Palavras-chave: *leitura; livros; censura; contrafação; textos velados com marcas; trajetos de fuga; marcas de livreiros.*

Abstract: *Reading, which today, as yesterday, is a very important vector for the growth of mankind, experienced in Portugal challenges during the Josephine period, with Real Mesa Censória, which were only overcome by the proselytism of its commercial agents. Distinguished and diverse booksellers, strategists and entrepreneurs, courageous and fearless, established with suppliers from countries that were freer at the time, ways and routes to escape the siege of Pombaline censorship. Their mark was latent in the revolution that would change the political program of several nations in the 18th and 19th centuries, including Portugal.*

Keywords: *reading; books; censorship; counterfeit; veiled texts with tags; escape routes; bookseller brands.*

1. O COMÉRCIO DO LIVRO EM TEMPOS DE CENSURA POMBALINA — MARCAS E TRAJETOS

Parece ser inquestionável o efeito da prática da leitura (ou a sua ausência) no desenvolvimento da espécie, na busca de equilíbrios políticos, económicos, sociais, na conquista de horizontes novos que reflitam e refratem maiores exigências nas condutas singulares, nos grupos, na sociedade.

O ato de ler, quando feito em profundidade, deixa lastro: seja nas posições esclarecidas de afirmação pessoal; na célula familiar; nos papéis assumidos nos e pelos diferentes grupos a que cada um pertence; no que se apresenta como identitário de uma comunidade; no espelho demonstrativo da civilidade que a substância das escolhas evidencia.

Hoje como ontem, de acordo com a maior ou menor facilidade com que nos é permitido alimentar o conhecimento, aceder ao desconhecido, digerir as «novidades», assim nos (re)construímos na exata e proporcional densidade que conseguimos enquanto seres singulares e pensantes.

* CITCEM-FLUP (UID/4059/2025; DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>). Email: olimpialoureiro@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7984-9813>.

O tempo que antecedeu a Revolução Liberal em Portugal, concretamente a segunda metade do século XVIII, conheceu privações de liberdade passíveis de sentir na escrita, impressão e divulgação daquilo que, à época, se entendia ser prejudicial ao bom funcionamento da sociedade. O período josefino, muito particularmente com a Real Mesa Censória (RMC), criou mecanismos de censura — censura que se pretendia rígida, infalível e totalmente controlada.

Criada por alvará de 5 de abril de 1768, a Real Mesa Censória transfere para a influência do Estado (substituindo a da Igreja) a censura dos livros e publicações que se projetasse publicar ou divulgar em Portugal: escritos cujos conteúdos ameaçassem o poder pessoal, absoluto e autoritário estabelecido, redigidos no país ou vindos de fora. Decorrido pouco mais de um mês, a 18 de maio, é tornado público o alvará do *Regimento da Real Meza Censoria*¹.

Dividido em 11 capítulos, o Regimento reserva as 5 primeiras entradas aos membros da sua hierarquia, sendo as 6 restantes dedicadas ao modo como devem ser praticados os exercícios e regras de censura, sublinhando o segredo inviolável do próprio regimento no XI e último artigo.

O cuidado colocado na lealdade, na confiança dos eleitos para a composição de toda a hierarquia que compunha a pirâmide daquele mecanismo, é disso testemunho. Não era censor quem queria, apenas quem era considerado, com base nesse predicado inestimável: a honestidade.

Ainda assim, são conhecidas histórias de traição no seio do instrumento de censura da época — Real Mesa Censória — nomeadamente através de manobras de extorsão de livros por parte de um secretário da Mesa, Alexandre Ferreira de Faria Manoel.

Senhora, Diz Francisco Rolland mercador de livros de nação franceza, e assistente nesta corte, que elle suplicante ultimamente requereo por duas vezes ao Tribunal da Real Meza Censoria lhe mandasse entregar os livros do rol incluso, ou lhe desse licença, sendo os ditos prohibidos, para os mandar para fora do Reino, os quaes livros lhe os tinha tirado o Secretario dos Estudos Alexandre Ferreira de Faria Manoel quando servio de secretario da Meza, e o suplicante sabe não existem na Secretaria do Tribunal pelo ter perguntado por varias vezes ao actual Secretario, e este lhe deu por resposta que não sabia nada desse tempo (ANTT. Real Mesa Censória, cx. 139).

livros que vendia *a posteriori* em Lisboa, em Coimbra, e chegavam também ao Porto.

e nem só esta violencia tem feito o secretario em materia de livros, pois chegou a tal o escandalo que mandava desta cidade para a de Coimbra a hum Vicente Pedro de Lacerda que de ferro velho o púz (sic) com huma das melhores lojas de livros que havia

¹ ANTT. *Real Mesa Censória*, cx. 1, doc. de 18 de maio de 1768, transcrito na íntegra em Loureiro 2003, pp. 351-369. Acerca da censura, dos mecanismos a ela associados e da Real Mesa Censória (RMC) em particular, ver também: pp. 6-75.

naquella cidade, o qual por temer a muita bulha que já esta loja fazia dizendo-se que vendia livros da Livraria da Real Meza Censoria, a passou a hum Francisco Clamopin, e se foi estabelecer com huma impreŷa na cidade do Porto, aonde continua a vender livros, ainda que com mais cautela (ANTT. Real Mesa Censória, cx. 139).

vendas que fazia também diretamente em sua casa, apelando tratar-se de textos com existências duplas nas bibliotecas de proveniência. Em qualquer dos casos, diligente nas operações, sempre registava, em livro próprio, o valor correspondente aos livros que ia vendendo (Loureiro 2003, pp. 41-45).

Um dos contemplados nesta troca de verdades é justamente George Rey, como abaixo se pode ler.

e crê o suplicante que os seus livros levarão o mesmo caminho que levarão os de outras partes que se tem vendido por esta cidade por via de hum seo compadre Francisco Fernandes, e se lembra o suplicante ter este secretario tirado a Valentim Lagier huns livros, e dahi a poucos dias ir á loja de Jorge Rey companheiro que então era do dito hum João Casquilho vender os mesmos (ANTT. Real Mesa Censória, cx. 139).

Troca de verdades pode igualmente encontrar-se no caso apontado no excerto seguinte, no qual nos cruzamos de novo com George Rey e um outro livreiro, Paulo Martin. Este último terá sido vítima (?) de prisão por lhe terem sido encontrados livros proibidos que, alega, ou tinha recebido sem dar conta no trespasse de uma loja que comprara a um colega — George Rey — ou por ignorar que fossem proibidos, assumindo a sua culpa no que diz respeito ao facto de não ter confrontado todos os livros que tinha na sua loja com os dos Editais da mesa censória. Na exposição, sublinhe-se a preocupação pelo próprio demonstrada, por um lado, com a má impressão que a prisão pudesse causar junto dos seus correspondentes, roubando-lhe até o crédito que tinha no mercado, e, por outro, a responsabilidade familiar a que, enquanto preso não podia obviamente dar resposta: era casado e pai de quatro filhos de tenra idade.

Senhora, Diz Paulo Martin que se acha preso na cadeia do Castello à ordem de Vossa Magestade por se lhe ter achado livros prohibidos pela Real Meza Censoria, que são os seguintes: Historia do Povo de Deos em italiano, cuja obra lhe veio entre outras da loja que lhe trespassou Jorge Rey, da qual não deo fé por descuido, o que se verifica pela certidão inclusa do Reverendo Padre Frei Manoel de S. Anna Braga; e alem desta, Memoires sur les Libertés de l'Eglise Gallicane, e Fables des Abeilles, os quaes ignorava inteiramente serem prohibidos por descuido de não ter confrontado exactamente todos os livros da sua loja com os Editaes desta Real Meza: e porque o suplicante padece grande descommodo de se achar fóra de sua caza tanto pelos seus interesses como pelo seu credito; pois não lhe faltará talvez inimigos que se aproveitem desta occasião para àmanhã que he dia de correio darem parte à seus

correspondentes da sua prisão, e como ignorão o motivo della, qualquer má informação lhe pode fazer perder o seu credito; alem disto, he cazado tendo mulher e quatro filhos de tenra idade, que se achão na maior consternação pela sua falta, pelo tanto, pede a Vossa Magestade pela sua innata piedade, e alta clemencia seja servida perdoar-lhe, e mandar que se solte. E receberá mercê (ANTT. Real Mesa Censória, cx. 177, doc. de julho de 1779).

2. MARCAS E TRAJETOS DE LIVREIROS

Livreiros distintos e diversificados, estrategas e empreendedores, corajosos e destemidos — cuja marca ficou latente na revolução que mudaria o programa político de várias nações nos séculos XVIII e XIX, Portugal incluído — estabeleceram com fornecedores de países, à época, mais livres, formas e rotas de fuga ao cerco da censura pombalina.

Com verdade e seriedade, a par de um proselitismo imperativo, as prateleiras das lojas dos nossos livreiros repunham os seus stocks através de encomendas feitas à Société Typographique de Neuchâtel (STN), veículo facilitador de títulos e nomes de autores proibidos entre nós. Parece ser oportuno, portanto, pousar os olhos no epistolário dessa Casa internacional.

Da correspondência conservada nos arquivos da STN — da e com a Société Typographique de Neuchâtel — sabemos serem 21 as cópias de cartas enviadas da STN para os livreiros em exercício em Portugal na 2.^a metade do século XVIII, mais concretamente, entre 1773 e 1787, e 22 as cartas dos nossos livreiros à STN, entre 1772 e 1788.

Tendo como destinatária a família Bertrand contam-se 14 — 10 para a Viúva Bertrand & Filhos (entre 1779 e 1787) e as restantes 4 para Jean Joseph (entre 1773 e 1775); por ordem decrescente são em número de 3 as enviadas aos livreiros Jean Baptiste Reycend & Comp. (entre 1785 e 1787); 2 as dirigidas a George Rey & Comp. (entre 1773 e 1774); 1 para Ramuz e 1 para Valentin Lagier (ambas de 1784).

Para a STN, da família Bertrand contam-se 15 — 10 da Viúva Bertrand & Filhos (de 1778 a 1788) e as restantes 5 de Jean Joseph (entre 1772 e 1775); 3 as enviadas dos livreiros Jean Baptiste Reycend & Comp. (1780, 1781 e 1785); 2 de George Rey & Comp. (1772 e 1774); 1 de Jean Joseph Du Beux (1779) e 1 de Valentin Lagier (1784).

Que dizer da leitura destes textos, destes diálogos escritos pelos editores suíços aos livreiros de Lisboa e vice-versa? Nenhuma delas tem outro destino ou casa de partida que não seja a capital, quando afinal são conhecidos entre nós, no Porto, em Coimbra, em Braga, livreiros ativos e atentos de cujos nomes nada consta nas memórias da STN. Porquê este direcionamento fechado para Lisboa? A rede estender-se-ia internamente? Isto é, os livreiros de Lisboa fariam a ponte com o mercado estrangeiro, tratando *a posteriori* da difusão com os seus congéneres estabelecidos em Portugal? Uma possibilidade em que acreditamos, uma vez que não nos parece viável uma disparidade de interesses, um voltar de costas ao grande fenómeno do tempo no que se refere à busca da

informação e/ou formação através da leitura de textos e muito especificamente dos textos que dali poderiam chegar. Talvez mesmo esta a primeira observação!

Olhemos os conteúdos.

Na escrita da STN percebe-se, por um lado, um grande domínio e segurança comerciais, um evidente espírito de astúcia associado a um bom exercício da política de *marketing* — note-se como publicita uma obra do seu catálogo, a *Description générale des arts et métiers*, por vezes permitindo-se mesmo adjetivá-la de «ouvrage intéressant, exécuté avec le plus grand soin et qui doit trouver à se placer dans un pays tel que le votre ou ces utiles connaissances sont encore dans le berceau»; ou como não se inibe de dizer a sua edição «de l'*Histoire philosophique* de l'abbé Raynal très bien exécutée aussi et supérieure à toutes les précédentes» — a par de uma clara apresentação das condições de fornecimento e venda dos produtos em lista.

Por seu turno, e começando pela casa Bertrand, saem notas de quem é incisivo, de quem sabe muito bem o que quer, de quem é exigente e minucioso, de quem não se distrai quer com a sua gestão económica (refira-se o corte de papel sugerido para diminuir os portes, ou a advertência de não enviarem pelo correio os catálogos, por tal se tornar demasiado oneroso, logo sugerindo alternativa: via Londres, através do Sr. Ostervald, resultando daí uma receção gratuita), quer com a atenção devida às novidades e/ou faltas nos pedidos efetuados. Se o fardo fica muito tempo em viagem (6 meses, por exemplo) o prazo de pagamento é reivindicado como curto; a viagem por Amesterdão é muito cara pelo que sugerem a via de Génova e de França, por Lyon; as contas são feitas ao pormenor e, nesse sentido, para melhor poderem negociar, fazem propostas de preços partindo de condições diferenciadas — ora sendo a edição da STN, ora da própria casa Bertrand; se a STN não tem determinada obra recomendam a sua encomenda, por exemplo, a Londres; mostram-se do conhecimento da diminuição dos impostos, e conseqüentemente como que exigem que o comércio de livraria se apresente mais livre; não se inibem de dar parecer sobre o preço de determinados artigos quando os entendem caros, enunciando-os detalhadamente, e não perdem a oportunidade de solicitar um abaixamento do respetivo preço sustentando mesmo que sendo livros de impressão STN, sempre uma retificação será bem vinda para agrado de todos; mas também exprimem o seu contentamento quando acham os preços razoáveis; nunca, porém, deixam de sublinhar a exigência de um tratamento o mais favorável possível quanto a esta matéria, assegurando em contrapartida prontidão na respetiva quitação.

Em questão de encomendas, a casa Bertrand apresenta-se com muita organização — preenche coleções com tomos em falta; cuidado na atualização de *stocks* — pede exemplares de cada nova obra publicada; prontidão — entenda-se, rapidez na entrega, se não de todos os artigos, dos que estiverem disponíveis logo que perfaçam um fardo razoável; diligência — quando tomam conhecimento de pacotes perdidos, eles próprios manifestam as atitudes que desejam da STN para os fazer encontrados junto dos vários recoveiros ao serviço da casa, não se coibindo de mostrar a natural impaciência pelo tempo de espera.

Numa perspetiva de vivência particular sabemos que Jean Joseph Bertrand foi casado com Marie Claire Rey, sendo por isso cunhado de George Rey (Labourdette 1988, p. 685), e desse casamento nasceram dois filhos. Pensando no futuro, J. J. Bertrand destinou a tutela de ambos bem como a administração do seu negócio de livros, de que tinha loja na zona do Chiado, em Lisboa, a sua mulher. Meticulosamente deixava estabelecido que os seus bens fossem divididos em duas partes iguais: uma para sua mulher e a outra dividida em três, ou seja, pelos dois filhos e Marie Claire. Os lucros deveriam ser repartidos equitativamente entre os três durante a gestão desta última e, no caso de algum dos filhos preferir afastar-se da sociedade, podê-lo-ia fazer recebendo a parte a que tinha direito, incluindo-se nela livros (Labourdette 1988, p. 554). Pelo seu testamento, datado de 1778, podemos saber que o mesmo não contemplava o que quer que fosse para os criados (Labourdette 1988, p. 559).

Cinco meses depois da sua morte, ocorrida a 26 de maio de 1778, a família, enlutada, ao mesmo tempo que prescrevia uma encomenda, anunciava aos fornecedores suíços a passagem do seu ente querido e informava da nova denominação da firma: a partir de então *Veuve Bertrand et Fils*, apresentando a assinatura daí em diante identificadora da (nova) sociedade e por isso a única a que deveriam dar crédito.

No perfil da clientela da casa Bertrand parece poder falar-se de gente pertencente a uma classe social abastada e culta (Piwnik [s.d], p. 4).

Dos restantes livreiros enquanto organização de firma, sabemos que Lagier era genro de Du Beux e que juntos formaram uma sociedade — *Frères du Beux Lagier & Ce.*; depois de ter emprestado o seu nome a uma outra — *George Rey & Ce.* — que se dissolveu em 1774, Lagier é admitido na empresa Du Beux, ao que parece para infelicidade de Jean Joseph du Beux, mais que não fosse pelo passivo que consigo arrastou, e aí permanece 10 anos. Em 1784, tendo resolvido amigavelmente a sociedade, cada uma das partes continuou ligada ao negócio, mas agora em seu nome próprio: Du Beux por si, Valentim Lagier também.

Na correspondência de *George Rey & Ce.*, importa salientar alguns pontos: é no verão de 1772 que se dá início à relação comercial com a STN, altura em que é pedido um prazo de dois anos para quitação do material fornecido, material que se espera seja cotado a bom preço; na oportunidade (julho de 1772) subscrevem uma encomenda, na qual chamam a atenção para alguns artigos proibidos em Portugal pelo que pedem que todos aqueles marcados com * sejam inseridos em quaisquer outras obras de maneira a não serem visíveis na revisão; em janeiro de 1774 queixam-se de lhes ter sido passada uma letra de câmbio que só o deveria ter sido em outubro desse mesmo ano e por isso reclamam!

Tabela 1. Encomenda de livros proibidos/suprimidos

Livreiro	Título/Autor	N.º Ex.	N.º Enc.
GEORGE REY & COMP.	Question sur l'Encyclopédie, de Voltaire	3	1
	De la felicité publique, atribuído ao Marquês de Chastellux	2	1
	Leçons de droit de la nature et des gens, de Félice	4	1

Fonte: BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1205, fls. 307-309v

[fl. 564] Lisbonne, George Rey & Compe., du 14e. décembre 1773

Privés depuis très longtemps de vos lettres nous prenons la liberté de vous rapeller dans votre souvenir et en même temps de vous donner avis que nous venons de tirer sur votre maison à l'ordre de J. Frédéric Ostervald secretaire (...) a dis jours de vue £ 269 argent de France pour le montant de l'envoy qu'en consequence de vos ordres nous avons finis le 2e. octobre 1772 conformement a la facture que nous vous en remimes (*sic*) dans le même temps. Comme l'année de delay pour le payement temps convenu entre nous est écoulé et au-delà nous nous persuadons que vous voudrez bien faire honneur a notre traite (...) moy là de quoi cette partie sera solvée entre nous.

Nous avons eté veritablement mortifiés que (...) correspondance entre votre maison et la notre n'ait pas eu de suites considerant surtout d'un coté le grand nombre de nouveautés qui ont paru en notre langue dans le catalogue de l'armée d'un autre coté le degré d'accroissement qu'a pris pendant cet intervalle l'établissement typographique que nous avons formé en cette ville. De sorte que nous serions en état de vous fournir tous les meilleurs ouvrages qu'on a imprimé depuis peu de tous les genres. Nous continuons sans relache a notre *Description des Arts* le 2e. volume va sortir de presse les autres suivront et formeront avec le temps la plus utile de toutes les *Encyclopedies* [fl. 565]. C'est dans l'espérance de recevoir quelques ordres de votre part que nous vous presentons icy une partie de nos nouveautés les plus curieuses. En recomencement a votre bienveillance services l'on y join le suplement du catalogue².

[fl. 683] Lisbonne, George Rey & Compe., du 13 fevrier 1774

Nous venons de recevoir sous le couvert de Frédéric Ostervald votre lettre du 11e. janvier et comme nous serions très mortifiés d'avoir pu vous mécontenter en quoique ce puisse être nous nous empressons de vous exposer nos raisons relativement a la traite qui vous a eté présentée de notre part.

Il est vray comme vous le dittes que dans votre lettre du 28e. juillet 1772 vous demandez terme de deux ans pour le payement a compter de l'expédition de la

² BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1098 (1773-1774), vol. C1, fls. 564-565.

marchandise mais il ne l'est pas moins que dans notre reponse du 3e. octobre suivant nous vous prions de considerer.

Que nos prix étant fixés voyez lettre du 3e. octobre 1772.

Or comme nous fimes notre envoy le 2e. octobre 1772 et que depuis lors nous n'avons reçu aucunes nouvelles de votre part et consequemment [fl. 684] (...) de nouveaux ordres, ne sachant même si le dit envoy vous était parvenu nous avons eu lieu de croire après ceux (riscado) intervalle de 14 mois que vous ne desiriez plus de continuer des affaires avec notre maison, et comme nous sommes dans l'habitude de regler toutes nos affaires a la fin de chaque année il nous a paru asen naturel étant parvenu a l'expedition de la dernière de vous faire presente notre traite d'autant plus que la valeur n'en est pas considerable. Vous avez refusé de la payer reclamant le delay complet de 2 ans et quoique notre lettre du 3e. octobre 1772 étant demeurée sans objection de votre part (...) nous diminuons 6 mois nous n'insisterons point la-dessus vous serez absolument les merités (*sic*) ou de l'acquitter presentement sous l'escompte que nous vous ferons de 5% jusqu'au 2e. octobre ou de ne l'acquitter qu'à ce dernier terme ce qui nous est égal mais nous vous flatterons que cette facilité de notre part pourvu (...) valoir quelques moins ordres de la votre et pour vous y determiner d'autant mieux persuadez que la longueur et la dépence de la route par Lyon et Gènes vous ont seules dégoulés de prendre de nos articles nous allons vous faire une proposition qui remediera a l'un ou l'autre de ces inconveniens. Nous [fl. 685] vous offrons de rendre a Lyon franche de terme droits et fraix de voitures les bales contenant les articles que vous nous aurez commis en sorte qu'il ne vous en coutera que la voiture de Lyon a Marseille qui est peu de chere vous nous donnerez une addition de quelques (...) dans cette dernière ville si non nous en trouverons une; vous connaissez nos nouveautés Molière occupe nos presses. Nous avons l'honneur d'être³.

DU BEUX, JEAN-JOSEPH / LIBRAIRE – LISBONNE⁴

[fl. 4] Messieurs la Société Typographique Neuchâtel

Lisbonne, le 5 janvier

1779 Messieurs

Lors de la dissolution de la société de George Rey & Ce.. en 1774 cette maison par ses arretés de comptes resta a devoir une somme assez forte dont chacun des associés devait payer sa moitie savoir George Rey et Valentim Lagier qui était l'associé sous le nom de Compe. ce dernier a été admis chez nous pour mon malheur sous la raison des Freres Du Beux Lagier & Ce. il a apporté quelques

³ BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1098 (1773-1774), vol. C1, fls. 683-685.

⁴ BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1143, fls. 4-4v.

marchandises dans cette nouvelle société, et celle lui a payé ses dettes, passives, s'ignore quelles étaient, et a combien elles se montaient la valeur (riscado) Senhor (*sic*) Lagier n'ayant jamais voulu donner aucun éclaircissement a ce sujet et mettant très important de le savoir pour le règlement de mes comptes avec le dit Senhor (*sic*) et son beau-père D. du Beux; et sachant d'ailleurs que vous Messieurs étiez un des créanciers de la somme de £ 269 j'ai recours a vous Messieurs afin que vous me fassiez la grace de me dire ce qui en est si vous en avez été payé par qui, et quand. Comme je suis déterminé a continuer le commerce de la librairie en mon particulier, je vous prie de joindre vos catalogues a la réponse dont vous voudrez bien m'honorer et l'adresser a Monsieur Pierre Bruyset Ponsthus de Lyon que je prévient a ce sujet. Étant tout ce qui s'offre, je suis la plus parfaite consideration, Messieurs, votre très humble et très obeissant serviteur Jean Joseph du Beux

[fl. 4v] Lisbonne, le 5 janvier 1779

Jean Joseph du

Beux

R. 4 février.

LAGIER, VALENTIM / LIBRAIRE – LISBONNE⁵

1 – [fl. 293] Messieurs la Société Typographique Neuchâtel

Lisbonne, le 17 août 1784

Messieurs

Il y quelques années, et dans le commencement de vos entreprises, que j'eus l'honneur de faire quelques petites affaires avec vous Messieurs sous la maison de Georges Rey & Ce. depuis lors, je fis une nouvelle société avec les frères Du Beux, son l'aîné et mon beau-père, avec lequel j'ai resté dix ans, nous avons enfin résolu amiablement de nous séparer, et de continuer le commerce de la librairie chacun pour son compte, et en son privé nom, ce que nous avons effectué et désirant de mon côté de renouer avec les anciens amis au nombre desquels j'ai l'honneur de vous considérer, et ne doutant pas que depuis ce temps là vous n'avez imprimé quantité des bons articles, et que nous ne puissions par la suite entretenir une correspondance réciproquement utile; supposant que vous digniez m'accorder votre confiance que je tâcherai de mériter, j'ose vous prier en conséquence de me faire parvenir vos catalogues par la voie la moins dispendieuse que vous pourrez avoir avec leur dernier prix pour moy argent de France, ainsi que le terme que vous pouvez m'accorder pour agir en conséquence, (...) d'avance de (...) d'une prompte réponse, et en attendant j'ai l'honneur d'être bien sincèrement

⁵ BPUN. Société Typographique de Neuchâtel, Ms. 1172, fls. 293-294v.

Messieurs, votre très humble et très obeissant serviteur, Valentin Lagier, Libraire
Lisbonne

[fls. 293v-294 = em branco]

[fl. 294v] Lisbonne, 17 août 1784

Valentin Lagier

R. le 9 septembre.

REY, GEORGE & COMP. / COMMISSIONNAIRES – LISBONNE⁶

1 – [fl. 307] A Messieurs la Societté Typographique de Neuchâtel
Neuchâtel en Suisse

Lisbonne le 28 juillet 1772

Messieurs

Nous avons reçu l'honneur de votre lettre du 29 juin dernier, par laquelle vous nous offrez vos services desirant autant que vous Messieurs d'entrer en correspondance avec votre maison, il ne tiendra qu'à vous de l'augmenter de plus en plus.

Pour essai, nous prenons la liberté de vous demander quelques articles qu'aurez pour agréable de nous expédier en feuilles le plus tot possible par voy de Gènes, a l'adresse de Messieurs Charles François Brandt & Ce. avec ordre aux dits Sieurs de nous les acheminer par le premier navire qui fera voile pour ce port; nous nous flattons que vous vendrez au meilleur marché possible; quand au paiement nous esperons que vous nous accorderez le terme fixe de deux ans du jour de l'expédition, qui est le plus court terme que nous accordent nos amis nous usons nous flatter qu'après les informations que Monsieur Ostervald a eu la bonté de vous donner de notre maison, vous conviendrez du dit terme et serez tranquille pour votre dette, les faveurs que vous nous accorderez Messieurs seront des motifs pour que nous vous donnions la preference et pour que nous tachions autant qu'il est en nous de rendre notre correspondance plus fructueuse.

Si vous nous passiez l'*Encyclopédie* a 10 (*sic*) le vol. nous vous emprendrions deux exemplaires étant achevée d'imprimer sur quoy vous aurez la bonté de nous repondre.

[fl. 307v] Parmi les articles que vous demandons, il y en a quelques uns qui sont prohibés dans ce pais; tous ceux marqués * vous aurez la bonté de les inserer dans quelqu'autres ouvrages de façon qu'ils ne soyent pas aperçus à la révision, nous nous flattons que complèterez nôtre commission de votre mieux et d'une prompte réponse et en attendant avons l'honneur d'être avec la plus parfaite considération Messieurs, vos très humbles et très obeissant serviteurs, George Rey & Compe.

⁶ BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1205, fls. 307-309v.

Notte des livres dont nous prions Messieurs la Societé Typographique de Neuchâtel, nous expédier pour notre compte.

* 1 *Londres* 8° 3 vol.

?[Espion François à Londres, ou observations critiques sur l'Angleterre et les Anglois, par le chevalier Goudard, auteur de l'Espion Chinois, 2 vol, in 12, a Londres]?

2 *Refutation du Systeme de la nature* 8° 2 tom

4 *Voyage au tour du Monde* par Bougainville 8° 2 tom

[Supplément au voyage de M. de Bougainville, ou journal d'un voyage autour du monde, fait par MM. Bancks et Solander, Anglais, en 1768, 69, 70, 71; traduit de l'anglais par M. Fréville, nouvelle édition augmentée grand in 8, 1773]

3 *Questions sur l'Encyclopedie* 8° 9 tom

[Question sur l'Encyclopedie, par Voltaire]

2 *Cours de Geographie* 8° 2 tom

[Cours de géographie historique, ancienne, moderne, et de sphere, par demandes et par réponses, par M. O. quatrieme édition, revue et corrigée par l'auteur, 2 vol, in 12, 1774]

4 *Traité des Nerfs* par Tissot 12

* 2 *Usung* Roman 12

[Usung, histoire orientale, roman moral, par M. de Haller, traduit de l'allemand, in 12]

2 Adisson *Vérité de la Réligion Chrétienne* 3 tom

[Addisson, verité de la religion chretienne, traduit de l'anglais, édition augmentée par M. Seigneux de Correvon, 3 vol, in 8]

* 2 *Caracteres des femmes* par Thomas

* 2 (...) *Hist. Angloise* 12

?[Les dangers de la calomnie, ou mémoires de Fanny Spingler, histoire angloise, par mad.

Beccari, 2 parties, in 12, 1781]?

1 *Tayel* Tragedie / *Gabrielle de Vergi* Tragedie

1 *Gaston el Bayer / Guillaume Dell* 8°

1 *Marcellus ou le Pessecut*

1 *Melanie Partie de Chasse d'Henry IV*

* 1 *Le Philosophe sans le savoir*

1 *Les Protegés* Comedie

[fl. 308]

2 *Conservation des Enfans* 22

2 *Culture des Abeilles* 12 1771

2 *Dictionnaire d'histoire naturelle* 12 tom

[Dictionnaire d'histoire naturelle, par M.Valmont de Bomarre, nouvelle édition augmentée, 9 vol, in 8, 1776]

- 1 *Encyclopedie Economique* 8° 16 tom
 4 *Essay sur les Erreurs et les superstitions* 2 tom
 * 4 *Le Fatalisme* 8° 2 tom 1770
 * 2 *La Félicité Publique* 8° 1770
 [De la félicité publique, atribuído a Fran. J., Marquis de Chastellux, in 8]
 4 *Leçons de Droit* de Félice 4 parties
 [Leçons de droit de la nature et des gens, par Félice, Lion, 1776, 3 vol, in 12]
 6 *Leçons de Logique* par le même 2 tom
 * 2 *Lettres aux femmes mariés*
 6 *Loix civiles* 8°
 [Loix Civiles, relativement à la propriété des biens, ouvrage traduit de l'italien par M. S. D. C. augmentée de quelques remarques de M. de Félice, in 8, 1768]
 2 *Maladies des Enfants* par Monsieur Cooke
 1 *Histoire Naturelle* abregé 12 tom
 ?[Dictionnaire abregé de Bayle et Chauffepied, par M. de Bonnegarde, 4 vol, grand in 8, 1771]?
 1 *Mémoires sur l'Asie l'Afrique et l'Amerique* 6 tom
 2 *Physiocratie* par Dupont 8° 6 tom
 6 *Principes du Droit de la Nature et des Gens* par Burlamaqui 8° 8 tom
 [Burlamaqui, principes du droit naturel, I vol, in 8, édition augmentée sur le manuscrit de l'auteur]
 * 2 *Traité de l'homme* 12 2 tom
 ?[Traité du vrai mérite de l'homme dans tous les ages, par M. de Claville, ancien doyen du bureau des finances de Rouen, Paris, in 8]?
 * 2 *Sociabilite (de la)* 2 tom
 [De la sociabilité, par l'abbé Plouquet, 2 vol, in 8, 1770]
 2 *Vies des femmes et hommes illustres d'Italie* 8° 2 tom

[fl. 308v] Lisbonne, le 28 juillet 1772

George Rey & Compe.

notte au 6 septembre

fl. 37 3 octobre.

[fl.309] Lisbonne le 12 janvier 1774

Messieurs

Nous venons de recevoir l'honneur de votre lettre du 14 septembre dernier par laquelle voyons que vous etes prevalus très mal a propos sur nous, de la somme de £ 2 bg a l'ordre de Monsieur Jean Fredrich Ostervald a laquelle traite ne faisons pas honneur parce qu'elle ne nous devait être présentée que le 2 octobre 1774 temps auquel nous avons promis de vous payer et pour vous certifier de ce que nous avons l'honneur de vous dire, nous vous prions de jeter les yeux sur notre lettre de commission du 22 juillet 1772 a laquelle nous nous referons, vous assurant qu'alors

nous faisons honneur d'être bien sincèrement Messieurs, vos très humbles et obeissants serviteurs, George Rey & Compe.

[fl. 309v] Lisbonne, 12 janvier 1774
George Rey & C.
13 fev/13 d.

3. ASSIM...

Apesar do cuidado patente na organização da instituição, será lícito afirmar serem os censores da cena portuguesa de Setecentos cumpridores fiéis dos papéis que lhes confiava a coroa (e a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra)?

Ainda que sem enfeudamentos políticos, a Société Typographique de Neuchâtel e as suas congéneres acabariam por deixar marcas indeléveis no tecido comercial livreiro e muito para além dele, responsáveis que foram pelas alterações mais cedo ou mais tarde vivenciadas no posicionamento de deveres e de direitos, de ora em diante assumido pela Humanidade europeia, através da difusão, por escrito, de uma nova maneira de ver e avaliar a uns e a outros, de julgar e acreditar em valores até aí tranquilamente aceites e inquestionáveis.

Do que se conseguiu alcançar pela correspondência entre os nossos livreiros e aquela grande Casa de edição, as relações comerciais circunscreveram-se ao perímetro da cidade de Lisboa, ou mais concretamente, a livreiros com loja aberta na capital portuguesa, sobressaindo três nomes — os Rey, os Reycend e os Bertrand — cuja implantação na profissão sustenta por si só a sua presença aqui⁷.

Apontámos já uma possibilidade — a da distribuição em rede, dentro de fronteiras. Uma rede muito profunda e firme. Sabe-se que os mercadores de livros franceses reforçavam os seus contactos dentro da própria comunidade de livreiros franceses, do negócio de livros evoluindo para outras oportunidades de negócio; mas este sentido de comunidade francesa estende-se para além do mundo dos negócios, patente que está nos contratos de casamento estabelecidos entre os membros da comunidade e até em vivências conventuais — o Mosteiro de Nossa Senhora da Visitação de Santa Maria teve como madre superiora uma francesa, assistida de muitas outras freiras da mesma nacionalidade (Curto 2007, pp. 29-34).

Acrescentamos agora uma outra — para que o comércio clandestino funcionasse era suposta a existência de uma relação de confiança entre as partes. Ora, os livreiros de Lisboa podiam ter vantagem sobre os do Porto. Porquê? Considere-se a existência de uma linha de parentesco entre os editores suíços e os livreiros estabelecidos em Lisboa. Recorde-se, para isso, o nome de um dos principais rostos da STN, o Senhor Jean-Elie Bertrand, genro daquele a quem se atribui o sucesso da empresa, o Senhor Frédéric-Samuel

⁷ Enriquece o tema a leitura dos trabalhos de Domingos 2000; Martins 2012; Ramos 1973.

Ostervald, e chame-se à memória a presença de uma importante e afirmativa livraria sediada em Lisboa — a casa Bertrand; de resto a que maior número de registos contabiliza na correspondência de e para a editora suíça.

Por intermédio dos Bertrand, e condicionados, *grosso modo*, pelo fator de proximidade geográfica, mas também por elos de consanguinidade — Jean Joseph Bertrand é cunhado de George Rey porque casado com uma sua irmã, Marie Claire Rey; Lagier teve com George Rey uma sociedade, antes de se associar a Du Beux, seu sogro, com quem se manteve 10 anos, altura em que se organizou na praça, individualmente — quem sabe, não viriam os congéneres de Lisboa a usufruir de uma apresentação favorável, funcionando a livraria Bertrand, ainda que apenas no início das relações, como entidade fiadora e responsável junto dos fornecedores de Neuchâtel?! Quanto a Jean Baptiste Reycend, o único excluído destas ligações familiares, não podemos esquecer tratar-se de um importante livreiro de Lisboa, segundo alguns, um dos principais mesmo, com categoria bastante para responder por si à exigência da tal confiança necessária para entrar no jogo da clandestinidade, jogo que terá suportado bem, ou não seja ele apontado como o introdutor no país das novidades que em França constituíam a moda do tempo, nem tão pouco se livrando da acusação de uma certa inclinação política.

Marcas comerciais que cada um destes atores da disseminação cultural escrita nos deixou em herança, veículos responsáveis que foram, no século XVIII, pelo alcance do pensamento proveniente de outras latitudes — na substância e na quadratura! E a propósito, recorde-se a opinião de um livreiro francês — Antoine Boudet:

*Les censeurs sont en Portugal moins ridicules qu'en Espagne apparemment parce qu'on y est moins ignorant. C'est un avantage, sans doute, pour l'encouragement des talents et de la presse*⁸.

Terão os nossos atores, «por serem menos ignorantes», contribuído para o «encorajamento dos talentos e da imprensa» (clandestina), quando estava para finir o Antigo Regime em Portugal? Certo é que tiveram um papel absolutamente relevante, facilitando e difundindo a informação, motor incontornável para a(s) mudança(s) constantes no novo programa português de Setecentos.

⁸ Guinard 1958, pp. 63-64, citando Antoine Boudet, um livreiro francês, num seu testemunho de 1763.

FONTES

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Real Mesa Censória*, cx. 139.

ANTT. *Real Mesa Censória*, cx. 177, doc. de julho de 1779.

Bibliothèque Publique et Universitaire de Neuchâtel

BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1098 (1773-1774), vol. C1, fls. 564-565 e fls. 683-685.

BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1143, fls. 4-4v.

BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1172, fls. 293-294v.

BPUN. *Société Typographique de Neuchâtel*, Ms. 1205, fls. 307-309v.

BIBLIOGRAFIA

CURTO, Diogo Ramada, 2007. *As gentes do livro: Lisboa, século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

DOMINGOS, Manuela D., 2000. *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Ministério da Cultura.

GUINARD, Paul, 1958. Situação da Imprensa e da Livraria em Portugal nos meados do século XVIII.

Arquivo de Bibliografia Portuguesa. Coimbra: Atlântida, ano IV, janeiro-junho, (13-14), 63-64.

LABOURDETTE, Jean-François, 1988. *La Nation Française à Lisbonne de 1669 à 1790: entre Colbertisme et Liberalisme*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 554, 559 e 685.

LOUREIRO, Olímpia, 2003. *Sombras das Luzes: da censura e da clandestinidade na propagação ideológica de fim de regime em Portugal*. Tese de doutoramento, Universidade Portucalense Infante Dom Henrique, pp. 41-45 e 351-369. SOURCE-WORK-ID: cv-prod-id-3843290.

MARTINS, Maria Teresa Payan, 2012. *Livros clandestinos e contrafações em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Colibri.

PIWNIK, Marie-Hélène, [s.d.]. *Le Livre en Français et la Propagation des Idées Nouvelles au Portugal dans la Deuxième Moitié du XVIIIe. siècle*, p. 4.

RAMOS, Luís de Oliveira, 1973. Da aquisição de livros proibidos nos fins do século XVIII. Casos portugueses. *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: FLUP. IV, 329-338.

